

## **Eu vou mas volto, diferente! – (Re)visualização e legitimação da cabo-verdianidade numa viagem a Cabo Verde**

Ana Flávia Miguel

Universidade de Aveiro, INET-md

[anaflavia@ua.pt](mailto:anaflavia@ua.pt)

### **Resumo**

A implantação do regime democrático em Portugal, a seguir ao 25 de Abril de 1974, define também um período durante o qual diversas organizações e associações de carácter humanitário, em especial de perfil não governamental, vieram a desempenhar um papel fundamental na luta por direitos de cidadania e de igualdade de determinadas comunidades e grupos sociais minoritários. Questões de raça, etnia, migração, género e identidade, inicialmente vistas como desigualdades de segundo plano, foram, ao longo de 35 anos, ganhando visibilidade e subindo numa hierarquia política que sempre teve como prioridade a diluição das desigualdades sócio-económicas. A actividade da *Associação Cultural Moinho da Juventude*, sediada no Bairro do Alto da Cova da Moura e fundada a 9 de Junho de 1987 é um exemplo deste processo longo e transformador. Actualmente, mostrar a diferença no Bairro do Alto da Cova da Moura (Kova M) é, também, uma forma de expor o orgulho de ser cabo-verdiano. E esta atitude é, em grande medida, resultado da acção daquela associação e dos seus mentores.

A música, pela sua natureza performativa, é particularmente propícia à exposição da diferença. Assim, esta comunicação procura mostrar, através de uma investigação desenvolvida no Kova M sobre a prática performativa Kola San Jon, como os comportamentos em torno da música constituem, efectivamente, o paradigma de um processo de legitimação da diferença. A natureza polissémica desta performance, que incorpora a música, a dança, a voz e os artefactos mostra o poder deste processo musical e ritual.

*Viagem a Cabo Verde* é o nome de uma apresentação multimédia, construída como memória de um itinerário que a investigadora acompanhou desde a Amadora até Cabo Verde. Neste trajecto, realizado em 2008, a (re)visualização dos lugares, construiu validações e a certeza de que *Eu vou mas volto, diferente!*

**Palavras-chave:** Kola San Jon, Cabo-verdianidade, Kova M, Viagem,

### **Abstract**

The implementation of democracy in Portugal, after April 25th of 1974, also defines a period during which several organizations and humanitarian associations, specially non-

governmental, had a very important role in the fight for citizenship rights and equality of certain communities and minoritarian social groups. Along 35 years questions of race, ethnicity, migration, gender and identity, initially seen as second plan inequalities, gained visibility and raised to a political hierarchy that always had the priority of diluting social-economic inequalities. The activity of *Associação Cultural Moinho da Juventude*, based in Bairro do Alto da Cova da Moura and founded in June 9th 1987 is an example of this long and transformer process. Nowadays, showing the difference in Bairro do Alto da Cova da Moura (Kova M) is also a way of exposing the pride of being cape verdian. And this attitude is the result of the association and its mentor's action.

The music, for its performative nature is particularly appropriate to the difference exposure. Therefore, this statement tries to show, through an investigation at Kova M about Kola San Jon performative practice, as the behavior around music definitely constitute the paradigm of a legitimation of difference process. The polysemic nature of this performance that incorporates music, dance, voice and artifacts shows the power of this musical and ritual process.

*Viagem a Cabo Verde* (Cape Verde travel) is the name of the video presentation, constructed as memory of an itinerary the investigator followed from Amadora to Cape Verde. In this route, back in 2008, the visualization of places constructed validations and the certainty that *I go, but I come back different!*

**Keywords:** Kola San Jon, Cape-verdianity, Kova M, Journey

A implantação do regime democrático em Portugal, a seguir ao 25 de Abril de 1974, define também um período durante o qual diversas organizações e associações de carácter humanitário, em especial de perfil não governamental, vieram a desempenhar um papel fundamental na luta por direitos de cidadania e de igualdade de determinadas comunidades e grupos sociais minoritários. A actividade da Associação Cultural Moinho da Juventude<sup>1</sup>, sediada no Bairro do Alto da Cova da Moura<sup>2</sup> e fundada a 9 de Junho de 1987 é um exemplo deste processo longo e transformador.

Vivemos, actualmente, um momento da história em que os grupos minoritários que, até aqui eram subalternizados e tentavam diluir as suas diferenças num contexto hegemónico, estão agora – na era da apologia da diferença – a marcar o seu lugar de forma muito acesa procurando justamente expor a sua diferença e ser respeitados por ela. Digamos que existe mesmo algum orgulho por ser diferente.

---

<sup>1</sup> Que passarei a designar por ACMJ.

<sup>2</sup> Que passarei a designar por Kova M.

Existem, evidentemente, contextos políticos que propiciam esta situação e um deles é justamente a enorme preocupação pelos direitos no sentido global (os individuais e os colectivos), pelo direito à cultura e pelo facto de esta preocupação quando centralizada no quadro político poder ter efeitos de retroacção importantes para o próprio poder. Os governos são premiados se forem aparentemente humanistas mesmo que, na prática, essa preocupação se circunscreva apenas ao discurso e não se revele na acção. Um exemplo desta prática aconteceu na própria ACMJ. Em Junho de 2009 a associação participou numa reunião, com a Secretaria de Estado da Segurança Social, na qual um dos pontos da ordem de trabalhos foi a discriminação positiva das valências das IPSS<sup>3</sup> com incidência de trabalho nas áreas que abrangem populações com maiores dificuldades financeiras. Após esta reunião a ACMJ elaborou um pedido de compensação financeira, de acordo com o que tinha sido estipulado na referida reunião, no qual os cálculos foram baseados na ausência de mensalidade paga pelos utentes sinalizadas pela CPCJ<sup>4</sup>, pelo SAAI<sup>5</sup> e pela UNIVA/GIP<sup>6</sup>. Este pedido ainda não teve qualquer resposta apesar de já ter sido feito há 14 meses de acordo com as directrizes dadas pela própria Segurança Social.

De todas as formas, o facto de se falar no “direito à diferença” e em conceitos como o de “cidadania” é um passo que cria um ambiente propício a um novo ambiente humano, digamos assim, na lógica da ecologia humana. Esta preocupação com a multiplicidade de identidades dos grupos e das sociedades e com a diversidade cultural levou a UNESCO<sup>7</sup>(2002) a criar, em 2001, a Declaração Universal para a Diversidade Cultural, na conferência geral de decorreu de 15 de Outubro a 3 de Novembro, em Paris. Nesta Declaração, a diversidade cultural é vista como uma herança da humanidade na qual os direitos humanos são uma das garantias da própria diversidade cultural e da criação de um ambiente humano mais inclusivo.

Este trabalho de investigação, conducente à elaboração de uma tese de mestrado entretanto já concluída à data da publicação deste artigo, reflecte sobre o papel da música, em especial um género performativo designado por Kola San Jon, no contexto de uma comunidade migrante de cabo-verdianos residente no Kova M. Trata-se de resultados parcelares de uma das dimensões da minha investigação cujas conclusões

---

<sup>3</sup> IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social. As IPSS “(...) são instituições constituídas sem finalidade lucrativa, por iniciativa de particulares, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos e desde que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico”, de acordo com informação que está disponível no lugar on-line da Segurança Social <http://www1.seg-social.pt/left.asp?01.03> (acedido a 17 de Outubro de 2010).

<sup>4</sup> Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

<sup>5</sup> Sistema de Atendimento e Acompanhamento Integrado

<sup>6</sup> Unidade de Inserção na Vida Activa/Gabinete de Inserção Profissional

<sup>7</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

resultaram de pesquisa de campo realizada em Portugal e em Cabo Verde e que tem como objectivos centrais definir o Kola San Jon enquanto género performativo, perceber o enquadramento do Kola San Jon no contexto de uma comunidade migrante residente no Kova M e entender de que forma o Kola San Jon permite o diálogo entre a comunidade migrante e a comunidade do país de origem.

No caso do Kova M o orgulho de ser diferente traduz-se num duplo orgulho cuja génese nos obriga a recuar até aos anos 80 do séc. XX e ao momento da formação da ACMJ. Esta associação sem fins lucrativos, oficialmente constituída a 9 de Junho de 1987, foi iniciativa de um grupo de moradores que, em 1984, juntamente com Eduardo Pontes e a sua mulher, Godelieve Meersschaert, procuraram com ela encontrar formas de solucionar problemas económicos, sociais e de cidadania que eram visíveis no bairro. Lieve conta que foi à volta do fontanário, um lugar simbólico de reunião social onde os moradores partilhavam os seus problemas e as suas inquietações, que se aperceberam das dificuldades das pessoas e decidiram adoptar uma posição participativa e activa. O resultado foi a criação da ACMJ. Mas a concepção estrutural de interligação entre o social, o económico e o cultural, que viria a ser fundamental no desenvolvimento da associação, só ficou completa mais tarde, quando, por um acaso, Lieve observou um casamento de um vizinho, celebrado na rua, perto de sua casa. Nesse casamento teve lugar uma performance de Batuque, um género musical cabo-verdiano desempenhado fundamentalmente por mulheres e que de algum modo foi o motor para que Lieve iniciasse um forte trabalho de incentivo para formar um grupo de Batuque<sup>8</sup> (remeter para o artigo do JCR). O convite para participar na inauguração de um centro comunitário, foi decisivo e com ele nasceu o grupo de Batuque Finka Pé<sup>9</sup>.

Relato aqui esta história porque ela simboliza um ponto de viragem. Na verdade, segundo Godelieve Meersschaert:

Todo o trabalho que se fez ao nível do batuque foi imensamente importante para os moradores, uma chave de mudança... Eu vou dizer porquê. Nos anos oitenta o bairro estava cheio de bandeiras americanas. Os miúdos e toda a gente ouvia música americana. Quando construímos a sede da ACMJ houve grupos de pessoas do norte da Europa que vieram ajudar e, no fim, fizemos uma festa para

---

<sup>8</sup> Tal como afirma Jorge Castro Ribeiro (2010: 133), em Portugal este género musical e coreográfico é "(...) interpretado em festas, festivais de música e outros eventos culturais com presença de elementos da comunidade cabo-verdiana da Grande Lisboa, formalmente constituídos" (Ribeiro 2010: 133).

<sup>9</sup> Em 1989, o Grupo de Batuque Finka Pé "(...) integrado na Associação Cultural Moinho da Juventude, do Bairro da Cova da Moura, fez as suas primeiras apresentações, já constituído formalmente" (Ribeiro 2010: 134).

a qual convidamos o grupo de Batuque (Godelieve Meersschaert, 4 de Maio de 2009).

No início dos anos 90 do século XX, o grupo *Finka Pé*, foi convidado pelo ACARTE<sup>10</sup> para apresentar um espectáculo na Gulbenkian. Aqui, os cabo-verdianos foram tratados em condições de igualdade como outro artista qualquer presente nos concertos da FCG, recebendo um *cachet* e flores no fim do espectáculo. A representante da ACMJ explica que:

Este facto de ter sido reconhecido pelo país de acolhimento por Portugal foi muito importante para os filhos da Cova da Moura; aperceberam-se que a cultura dos seus pais era reconhecida. E isso fez muita diferença! Eu digo sempre que o reconhecimento de uma cultura muda um povo e se eles poderem mostrar o que têm serão mais abertos para ver a cultura dos outros. É nesse sentido que a auto-aceitação de uma pessoa com as suas raízes faz a diferença para a integração numa sociedade (Godelieve Meersschaert, 4 de Maio de 2009).

Ainda de acordo com Godelieve Meersschaert, os moradores mais novos do bairro começaram a dar valor às práticas africanas e conseguiram deixar a obsessão das bandeiras e símbolos americanos que nos anos 80 do século XX se observavam no bairro:

(...) acho que todo o trabalho que se fez ao nível do batuque foi imensamente importante para os moradores, uma chave de mudança... Eu vou dizer porquê. Nos anos oitenta o bairro estava cheio de bandeiras americanas. Os miúdos e toda a gente ouvia música americana (Ibid.).

Chamo a este fenómeno o *duplo orgulho* porque ao eleger algumas práticas performativas cabo-verdianas como forma de representação e como forma de representar a sua diferença em relação ao país de acolhimento e de pertença em relação a Cabo Verde, o orgulho no país de origem traduziu-se no orgulho pelo país de acolhimento.

Ora, um dos comportamentos que melhor permite expor a diferença é justamente a música porque ela, pela sua natureza, é performativa e isso implica que para se mostrar tem que se fazer, tem que se expor. E ela permite partilhar as diferenças, ou seja, eu

---

<sup>10</sup> ACARTE era o serviço de animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Calouste Gulbenkian que foi extinto em 2002.

posso participar nos actos performativos dos que são diferentes em relação a mim sem que, com isso, esses actos passem a pertencer-me por direito. Ou seja, eu sou cúmplice da diferença do outro porque partilho com ele um dos testemunhos da sua diferença e posso participar nessa diferença. E posso até sentir proximidade estética com ela, e, por isso, legitimá-la como algo de válido para mim própria. O lado emocional é muito importante neste contexto. Veja-se, por exemplo, o caso do último disco da Sara Tavares, *Xinti*, cantado em crioulo, uma língua que ela aprendeu para o poder cantar, uma forma de enfatizar a sua diferença, uma forma de “aprender” a sua diferença!

Neste sentido, os grupos minoritários têm vindo a adoptar a música como forma de se evidenciar, de se expor e de mostrar o orgulho de ser diferente pois a música permite de facto uma comunicação privilegiada de partilha com o outro, que outros aspectos da cultura não permitem como a língua. No que diz respeito a Cabo Verde, por exemplo, a palavra *morna* é hoje entendível por grande parte dos portugueses, assim como *coladeira*, ou como *batuque*. A sua inscrição na *World Music* permite ainda que ela se tenha transformado num produto sem lugar – e aqui se inscreve uma ambivalência e até contradição: a música chega a todo o lado, mas o facto de ter como *label* a *World Music* define-a de novo como algo de diferente e minoritário em relação a um centro definido pela própria Europa. Mas esta música oferece um lugar de destaque aos seus intérpretes e à cultura que representam. E fazem com que, de repente, ser cabo-verdiano não seja mais pertencer a um grupo subalterno mas antes pertencer a um grupo hegemónico porque, em determinados momentos, é a sua música que se faz ouvir, é a sua música que permite a partilha não só entre eles mas também com a cultura aglutinadora, digamos assim. É uma forma de conciliação, de facto. E é também uma forma demonstrar o orgulho de ser diferente.

Apresentação da “Viagem a Cabo Verde” - <https://youtu.be/ggMMvzjdL58>

Esta apresentação representa a memória de uma viagem a Cabo Verde realizada em Junho e Julho de 2008, pelo grupo de Kola San Jon da ACMJ e por alguns elementos externos ao grupo como a presidente da mesa da Assembleia Geral da ACMJ - Rosa Rodrigues, um elemento da direcção da ACMJ – Eduardo Pontes e eu, como investigadora. Este documento multimédia, inicialmente construído como relatório de trabalho de campo, foi exibido a todos os participantes na viagem, numa *Tarde Cultural*, organizada pela ACMJ, no dia 7 de Dezembro de 2008. Para além de ter como objectivo dar a conhecer as imagens a todos os que tinham participado na jornada cabo-verdiana observei e registei o momento da visualização para obter uma espécie de validação dos intervenientes em todo este processo. Os comentários, as reacções e a vontade que as

peças demonstraram em reavaliar o filme, várias vezes, fez-me acreditar que todos se identificaram com as imagens e que a validação estava concretizada.

Nesta viagem, a memória representada é múltipla. Para mim, enquanto investigadora representa a visualização das narrativas que tinha ouvido em tantas reuniões no Kova M. Para a Lieve, uma das representantes do grupo de Kola San Jon e da ACMJ, representa a visualização e a legitimação de uma autoridade e de uma tradição. Para os elementos do grupo representa um conjunto imenso de significados sobretudo do foro emocional que se prendem com o reencontro com o lugar de origem, o passado, a família. Mas, paralelamente a todos estes sentimentos, há o querer mostrar aos “estrangeiros” do Kova M a sua terra, os seus familiares, os cheiros, os sabores, a paisagem. Há o querer mostrar o Kola San Jon, a confirmação no terreno das suas memórias e das suas histórias. E lá, onde as cores são da terra, outras e outras histórias surpreendem a memória.

O grupo de Kola San Jon do Kova M é constituído por um grupo de pessoas, moradores no Kova M e noutros bairros da área metropolitana de Lisboa, criado no âmbito da actividade cultural que a ACMJ desenvolve neste bairro e desempenha um papel importante na vida social, cultural e económica dos cabo-verdianos e dos seus descendentes. As festas, para as quais todos se preparam com meses de antecedência, são em Junho, nos santos populares, apesar de outras actuações acontecerem durante todo o ano. A dinâmica à volta deste género musical cabo-verdiano denuncia uma multiplicidade de significados, de retóricas, de narrativas, de memórias e de comportamentos expressivos que transformam o género musical numa prática performativa de natureza polissémica, que incorpora a música, a dança, a voz e os artefactos. Aqui, o som dos tambores, apitos e vozes convocam todos os presentes para a dança na qual o golpe da umbigada se repete num movimento contínuo que é colorido com os rosários, com os navios e com outros artefactos. Também a componente religiosa, associada a um conjunto de crenças que são ritualizadas na devoção a São João Baptista, de diversas formas, como no uso de imagens do santo, na realização de missas e em peregrinações, como é exemplo a jornada que parte da Ribeira das Patas e que termina em Porto Novo, na ilha de Santo Antão. Finalmente - e aqui me refiro ao Kola San Jon realizado na comunidade residente em Lisboa - na representação simbólica de memórias e de retóricas que se mesclam nas relações sociais e que, ao representar o espaço de origem, criam pontes efectivamente lusófonas, porque a música funciona como símbolo de algo maior e permite a partilha.

O Kola San Jon define o paradigma de um processo simultâneo de proximidade e distância do “outro”. Nesta viagem a Cabo Verde, o retorno ao espaço de origem e a partilha com os pares de um processo musical e ritual, constitui um modo de legitimação

da diferença e de reabilitação da autoridade interna uma vez que esta viagem é também uma forma, para os que foram do Kova M, de testar a sua própria cabo-verdianidade.

## **Conclusões**

Numa conferência proferida na Fundação Calouste Gulbenkian, em Outubro de 2008, intitulada, *Podemos viver sem o outro?*, Appadurai esclarece que o grande desafio, na era da globalização, em que as diferenças são exacerbadas, entre outras razões, pela migração, é o diálogo. A diversidade, reconhecida por todos nós como algo a valorizar, pressupõe a existência de diferenças que têm que continuar a existir porque não há diversidade sem diferenças. O verdadeiro problema é, segundo Appadurai, encontrar um ponto de equilíbrio, um *terreno intermédio* (Appadurai 2009:28) onde é possível construir uma plataforma comum.

Ora, o diálogo, no sentido em que se escolhem as questões fundamentais para construir bases comuns, tem na música um espaço privilegiado, o tal *terreno intermédio*, porque o carácter performativo da música expõe, negoceia, partilha, convida e aceita. Aqui, a prática dialógica pode ser convocada pelo investigador, onde as diferentes narrativas contribuem para a construção do conhecimento (Araújo 2006, Cambria 2008). Na linguagem musical, polifonia é uma técnica de composição na qual se usam duas ou mais vozes que se desenvolvem durante a obra musical; o produto final vive da sua unicidade mas também do carácter intrínseco de cada uma das vozes. Bakhtin usa a palavra polifonia como metáfora; é um processo no qual as diferentes narrativas são usadas na construção de um discurso final e que, apesar de uno, é caracterizado pela sua diversidade (Cambria 2008).

O ano de 2008 foi o ano do diálogo intercultural da União Europeia. A Fundação Calouste Gulbenkian lançou o Programa Gulbenkian *Distância e Proximidade* que foi concluído, em Outubro, com a conferência internacional dedicada ao tema *Podemos viver sem o outro?*. Appadurai e António Pinto Ribeiro afirmam que a reflexão sobre o *outro* se centra na comunicação e na imaginação que produzimos nas sociedades contemporâneas e que a relação com o outro se enquadra em momentos de distância e de proximidade (Appadurai 2009; Ribeiro 2009).

A viagem a Cabo Verde que o grupo de Kola San Jon realizou foi, sem dúvida, um destes momentos de proximidade e de distanciamento porque *os músicos foram mas voltaram, diferentes!*

## Referências bibliográficas

- Appadurai, Arjun (2009) "Diálogo, risco e convivialidade" in Fundação Calouste Gulbenkian (Org.) (2009) *Actas Conferência Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*. Lisboa: Edições Tinta da China. (pp. 21-38)
- Araújo, Samuel et. alia (2006) "Conflict and Violence as Theoretical Tools in Present-Day Ethnomusicology: Notes on a Dialogic Ethnography of Sound Practices in Rio de Janeiro" in *Ethnomusicology*. Vol (50-2) (pp. 287-313)
- Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (orgs.) (2008) *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: MAUAD.
- Araújo, Samuel (2008) "Música em tradição oral - o papel dos arquivos" in Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (orgs.) (2008) *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: MAUAD. (pp. 31-42)
- Bhabha, Homi K. (2008) *The location of culture*. New York: Routledge.
- Cambria, Vincenzo (2008) "Novas estratégias na pesquisa musical: Pesquisa participativa e Etnomusicologia" in Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (orgs.) (2008) *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: MAUAD. (pp. 199-211)
- Hall, Stuart; Gay, Paul du (1996) *Questions of cultural Identity*. London: Sage Publications.
- Hobsbawn, Eric; Ranger, Terence (Eds.) (2008) *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Horta, Ana Paula Beja (2008) *A Construção da Alteridade: Nacionalidade, Políticas de Imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Funadação para a Ciência e Tecnologia.
- Nettl, Bruno (2005) *The study of Ethnomusicology: Thirty-one issues and concepts*. Urbana, Chicago: University of Illinois Press.
- Nettl, Bruno (2008) "Antropologia da Música/Antropologia musical" in Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (orgs.) (2008) *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: MAUAD. (pp. 25-30)
- Ribeiro, António Pinto (2009) "Introdução" in Fundação Calouste Gulbenkian (Org.) (2009) *Actas Conferência Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*. Lisboa: Edições Tinta da China. (pp. 15-20)
- Ribeiro, Jorge Castro (2010) "Batuque" in Castelo-Branco, Salwa (eds) (2010) "Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX". Lisboa: Círculo de Leitores. (pp. 133-135)

- Ribeiro, José da Silva (2000) *Colá S. Jon, Oh que sabe!*. Porto, Cabo Verde: Edições Afrontamento/Ministério da Informação e Cultura de Cabo Verde.
- Rodrigues, Moacyr (1997) *CABO VERDE Festas de Romaria Festas Juninas*. Mindelo, S. Vicente, Cabo Verde: Autor.
- Sardo, Susana (1998) "A Pesquisa em Etnomusicologia e a problemática da identidade" in *Revista Portuguesa de Musicologia*. (pp.203-210)
- Seeger, Anthony (2008) "Etnomusicologia/Antropologia da música - disciplinas distintas?" in Araújo, Samuel; Paz, Gaspar; Cambria, Vincenzo (orgs.) (2008) *Música em Debate: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: MAUAD. (pp. 17-24)
- Shils, Edward (1992) *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel.
- Sousa, Maria (2008) (coord) *Toda a Memória do Mundo*. Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- UNESCO (2002) "Universal Declaration on Cultural Diversity" in *Records of the General Conference: Resolutions*. Paris: UNESCO (volume 1, pp. 61-64)
- Vilar, Emilio Rui (2009) "Apresentação" in Fundação Calouste Gulbenkian (Org.) (2009) *Actas Conferência Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*. Lisboa: Edições Tinta da China. (pp. 9-14)

### **Discografia**

- Tavares, Sara (2009) *Xinti*. Haarlem: World Connection

### **Webgrafia**

- Segurança Social - <http://www1.seg-social.pt/left.asp?01.03> (acedido a 17 de Outubro de 2010)

TRANSCRIÇÕES DE CAMPO: ENTREVISTAS E NOTAS DE CAMPO

Godelieve Meersschaert. Alto da Cova da Moura, 4 de Maio de 2009.